

Do problema ao projeto
Sobre a utilidade da Arquitetura

Rogério Bueno Sousa¹

From the problem to the project
About the usefulness of Architecture

Del problema al proyecto
Acerca de la utilidad de la Arquitectura

¹ Rogério Bueno Sousa é arquiteto e investigador pelo Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto (FAUP), Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto | Portugal.

Resumo:

Este artigo surge na sequência da nossa participação na VII Semana de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, Campus de Presidente Prudente. Naquela oportunidade, como agora, procuramos, através da apresentação de dois projetos de nossa autoria, realizados em Portugal, evidenciar a relação íntima entre PROBLEMA e PROJETO e clarificar a importância do CONTEXTO, entendido como lugar e circunstância, no processo de tomada de decisão do projeto de arquitetura.

Palavras-chave: problema e projeto, contexto na arquitetura, teoria e prática, arquitetura contemporânea.

Abstract:

This paper is a result of our participation in the Seventh Week of Architecture and Urbanism of the Faculty of Science and Technology, UNESP, Presidente Prudente. At that time, as now, we analysed two projects of our own, made in Portugal, highlighting the close relationship between problem and design and clarifying the importance of the context, seen as place and circumstance, in the process of decision making in architectural design.

Keywords: problem and design, context in architecture, theory and practice, contemporary architecture.

Resumen:

Este artículo surge de nuestra participación en la VII Semana de Arquitectura y Urbanismo de la Facultad de Ciencia y Tecnología, UNESP, Presidente Prudente. En aquel momento, como ahora, buscamos, a través de la presentación de dos proyectos propios, realizados en Portugal, destacar la estrecha relación entre el problema y el diseño y aclarar la importancia del contexto, entendido como lugar y circunstancia, en el proceso de la toma de decisiones en el diseño la arquitectura.

Palabras-clave: el problema y el proyecto, contexto en la arquitectura, la teoría y la práctica, la arquitectura contemporánea.

Do problema ao projeto Sobre a utilidade da arquitetura

“Estou levantando o que me parecem ser as justas questões que precisariam ser resolvidas. É nessa medida que você as levanta para transformá-las em problemas. Nós resolvemos problemas, então está feito.”²

Figura 01 – “O Poverello”, 2008-2011, detalhe da capela.



Fonte: autor (Mai. 2013)

Este artigo surge na sequência da nossa participação na VII Semana de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, Campus de Presidente Prudente. As inúmeras e profícuas questões que seguiram a apresentação, suscitaram uma série de reflexões, que procuraremos consolidar a fim de debater o processo de decisão na prática de projeto.

Naquela oportunidade, como agora, pretendemos demonstrar e colocar em discussão, através da apresentação de dois projetos de nossa

² ROCHA, P.M. **Maquetes de papel**. São Paulo: CosacNaify, 2007, p.34.

autoria, uma série de princípios que orientam a nossa prática profissional. Pelo contexto apresentado, este texto dirige-se principalmente aos estudantes.

O primeiro destes princípios é a nossa convicção sobre a relação íntima entre PROBLEMA e PROJETO. Isto é, procuramos enfatizar nestas apresentações a capacidade e exclusividade da disciplina de arquitetura em resolver, algumas vezes com um único gesto, um conjunto de problemas concretos, de natureza diversa, mas sempre interdependentes.

Em segundo lugar, procuramos enfatizar a importância do lugar e da circunstância³ na concepção do projeto. Dito de outra forma, enfatizar a capacidade da arquitetura de apreender uma determinada realidade (composta por escala, proporção, profundidade, luz, cor, cheiro e som) e trabalhar com ela.

Os projetos a que nos referimos são a Unidade de Cuidados Continuados “O Poverello”, obra com cerca de 4000 m², construída em Braga e a ampliação de um escritório de advogados no Porto⁴, de 50 m², projeto em andamento na altura da apresentação.

Não se pretende discutir a qualidade dos projetos aqui apresentados, nem limitar-se a descrição dos espaços, tão pouco versar sobre a narrativa histórica de cada processo. Isto tudo ocorrerá na medida necessária para o objetivo final deste texto: expor as razões que levaram a determinadas escolhas, as referências por trás das ideias, as perguntas explícitas e ocultas (problemas) e o seu conjunto de respostas (projeto).

Explicitar a ligação PROBLEMA-PROJETO parece-nos essencial para revalorizar a disciplina ao elucidar sobre a contribuição única da Arquitetura na construção de uma vida melhor, individual e coletiva.

Por último, gostaríamos de realçar a importância da relação viva e dinâmica entre teoria e prática, prática e teoria como o embasamento de qualquer disciplina e sua única hipótese de progressão. É por esta convicção

³ O arquiteto português Fernando Távora, célebre teórico da chamada Escola do Porto, é quem chama a atenção para a importância da circunstância na concepção do projeto.

⁴ Os dois projetos são de autoria dos arquitetos Rogério Bueno Sousa e Joana Hörster. “O Poverello” teve a colaboração do arquiteto Pedro Petracchi.

que nos propomos a discutir um conjunto de ideias sobre arquitetura (teoria) através de dois projetos (prática).

Figura 02 – “O Poverello”, 2008-2011, vista noroeste.



Fonte: autor (Mai. 2013)

1. Unidade de Cuidados Continuados “O Poverello”

O edifício “O Poverello”⁵ é uma Unidade de Cuidados Continuados, pertencente à Fundação Domus Fraternitas⁶ e localizado na cidade de Braga, região norte de Portugal.

As unidades de cuidados continuados são, em certa medida, edifícios hospitalares simplificados. Destinam-se a acolher pessoas que, não requerendo serviços hospitalares específicos (blocos operatórios, laboratórios, etc.), continuam a necessitar de vigilância médica. Destinam-se, também, a otimizar o sistema de saúde como um todo, na medida que liberam os leitos dos hospitais para quem, de fato, necessita.

⁵ O nome do edifício é uma homenagem a São Francisco de Assis (1182-1226), que ficou conhecido por “Il Povorello” (O Pobre).

⁶ Fundação de Solidariedade Social ligada à Província Portuguesa da Ordem Franciscana.

Além de uma infraestrutura hospitalar mínima, estes edifícios têm como conceito programático, a intenção de não se assemelharem a um hospital tradicional mas, ao contrário, tentarem a síntese, entre a casa e o hotel. Isto é, entre a escala doméstica (aconchego, conforto, proteção) e o ambiente hoteleiro (design, descontração, prazer pela vida). Entende-se esta caracterização espacial como um fator de fundamental contribuição para a cura. Portanto, um problema evidente de arquitetura.

O Sítio

Figura 03 – Montariol, Braga, vista aérea.



Fonte: Google maps (2008)

A primeira visita ao local, o primeiro contato com o terreno é sempre marcante. A impressão que fica, principalmente a subjetiva, sensível, mas também a objetiva, racional, contamina as ideias, entranha-se no projeto, mesmo que, no início, não tenhamos consciência disso.

O local escolhido para a implantação deste equipamento localiza-se na região do Montariol, na parte alta da cidade, numa extensa área ocupada em sua maior parte por mata, mas também pela Igreja do Montariol e pelo grande edifício onde funcionava o antigo Colégio da Ordem Franciscana e que, ainda hoje, abriga a residência franciscana.

É uma região com relevo bastante inclinado e de solo granítico, as duas grandes condicionantes do projeto. O terreno propriamente dito, próximo à igreja, já possuía um conjunto edificado (edifício principal + aviário + depósito) que, outrora, serviu de apoio às diversas atividades dos monges franciscanos.

A marca, deixada pela primeira visita, foi de uma área privilegiada pela natureza, pela tranquilidade, pelas vistas espetaculares sobre a cidade⁷ e pelo sentimento que tudo devia permanecer como está. Nada, ali, devia ser construído.

Dada a impossibilidade deste fato, ficamos com a ideia (como uma sugestão onírica a que não se presta muita atenção) de construir um edifício invisível.

Figura 04 – Montariol, Braga, a percepção do lugar.



Fonte: Arq. Joana Hörster (Ago 2013)

⁷ Apenas a título de curiosidade, é possível avistar o famoso Estádio (de futebol) do Braga, projetado pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura. Ver - TC Coleção Cuadernos de Arquitectura, n. 64 - Eduardo Souto de Moura. Obra Reciente.

O Programa

O programa para este tipo de equipamento é bastante extenso e possui alguma complexidade, quer pela enorme quantidade de regulamentos (Ministério da Saúde, Bombeiros, Municipais, Conforto Térmico, Ventilação, etc.) que se devem atender e conciliar (algumas vezes contraditórios), quer pelas exigências de organização espacial: separação de circuitos “limpos” e “sujos”, proximidade entre determinados ambientes (farmácia e enfermagem, etc.).

Se, em projetos mais pessoais, normalmente menores, o programa vai além da função do edifício e passa pela compreensão do cliente e de seus desejos (como veremos no próximo exemplo); em projetos mais institucionais, como este, o programa centra-se, prioritariamente, na função do edifício que, nestas situações, nos é transmitida também de forma “institucionalizada”.

Neste caso, a legislação define quatro diferentes tipos de unidades de cuidados continuados. Define, também, quais as áreas comuns que podem ser compartilhadas entre estas e, até, com outros equipamentos hospitalares, eventualmente, preexistentes. “O Poverello” abriga três destes “cuidados”: paliativos (10 camas), manutenção (24 camas) e reabilitação (24 camas), sendo, assim, bastante completo.

Compreender o programa é, claramente, começar a estruturar a pergunta e, conseqüentemente, apontar para a resposta. Aqui, o programa pode ser dividido em dois grandes grupos: as “unidades” propriamente ditas e as áreas comuns de apoio.

As “unidades” compõe-se basicamente por: quartos (simples e duplos) com instalações sanitárias próprias e seus respectivos cuidados médicos (sala de enfermagem, farmácia, tratamentos, banho assistido, sala de “limpos”, sala de “sujos”, desinfecção, etc.), além das salas de convívio e refeições.

As áreas comuns de apoio podem ser subdivididas em quatro subgrupos: o apoio burocrático (a administração), o apoio ao corpo (apoio físico - fisioterapia, eletroterapia, terapia da fala, etc.), o apoio espiritual (o oratório) e

o apoio funcional (doca de serviços, áreas técnicas, depósito de cadáveres, etc.).

Este entendimento do programa, como veremos, é já o esboço da organização espacial.

Figura 05 e 06 – “O Poverello”, 2008-2011, edifício existente.



Fonte: autor (Jun. 2006)

Figura 07 – “O Poverello”, 2008-2011, modelo 3d.



Fonte: tsi3d (Jan. 2009)

O Projeto

Do que existia foi aproveitado o edifício principal, a implantação do conjunto e a ideia de contrapor volumes menores à frente e maiores atrás. Sábria maneira de vencer a forte inclinação do relevo e a natureza granítica do solo.

Optou-se por derrubar o aviário e o depósito, bastante degradados e, no seu lugar foi criado um novo corpo, com alinhamentos antigos (figs. 03 e 07).

Como sinal de respeito, o novo corpo não toca o existente, antes distancia-se (3,5m). Distância física que marca a distância temporal. Marca também a entrada do conjunto (figs 07, 08 e 09).

Figura 08 e 09 – “O Poverello”, 2008-2011, acesso principal.



Fonte: autor (Mai. 2013)

Esta escolha permite posicionar a principal circulação vertical no centro do conjunto. Fundamental para servir o edifício antigo que, pensado em outros tempos, não possuía as condições necessárias para abrigar o indispensável elevador.

Definida a implantação, voltamo-nos para o programa. O edifício existente consegue abrigar cerca de 25% da área obrigatória para atender o programa. Logo, o novo terá 3 vezes a área do antigo.

O entendimento do programa, demonstrado anteriormente, ajuda a equacionar o problema. Três dos subgrupos de apoio, somados, correspondem a área do edifício existente: administração, apoio físico e oratório.

Figura 10 – “O Poverello”, 2008-2011, esquema de distribuição.



Fonte: autor (Mai. 2013)

Neste momento do processo de concepção, tudo parece que se encaixa: cada necessidade de área destes subgrupos encontra seu equivalente no edifício antigo. Sinal que o partido inicial está correto, o que permite um bom desenvolvimento do projeto. Uma boa ideia pode ou não resultar num bom projeto. Um ideia ruim resultará sempre num mau projeto.

A administração fica no térreo, ligada diretamente à recepção, o que permite a entrada direta a visitas, fornecedores e funcionários administrativos. O apoio físico, no primeiro piso, a uma distância intermédia de todos os pacientes. E o oratório, promovido a capela, no último andar, mais perto do céu (fig. 10).

O corpo novo abriga as “unidades” propriamente ditas, cada uma em um andar. Os “paliativos”, com menor área, ocupam o térreo (semi-enterrado), liberando espaço para outras áreas comuns ainda necessárias: a doca de serviços (ambulâncias e fornecedores), o depósito de lixo, os vestiários dos enfermeiros e o depósito de cadáveres. Áreas do extremo poente do conjunto.



0Figura 11 – “O Poverello”, 2008-2011, piso 02. Fonte: autor (2009)



Figura 12 – “O Poverello”, 2008-2011, piso 01. Fonte: autor (2009)



Figura 13 – “O Poverello”, 2008-2011, térreo. Fonte: autor (2009)

Figura 14 – “O Poverello”, 2008-2011, alçado frontal.



Fonte: autor (2009)

A “reabilitação” ocupa o primeiro piso e possui, essencialmente, a mesma organização espacial que a “manutenção”, localizada, por sua vez, no segundo piso, configurando, assim, uma espécie de andar tipo.

A circulação (figs.12 e 13) recebeu um cuidado particular: duas ligações ao exterior garantem a iluminação natural⁸ e, aproveitando os diferentes tamanhos das salas médicas, introduzimos uma suave curva que desconstrói toda a ideia de “corredor de hospital”. A curva liga-se ao platô exterior, posicionado a um nível intermédio, entre os pisos 1 e 2. Assim, desenhámos um circuito de caminhada, que inclui os próprios corredores no seu percurso, isto é, o circuito passa à porta dos quartos, convidando os enfermos, inexoravelmente, ao passeio e à vida, a *promenade architecturale* levada ao extremo⁹.

As salas de convívio e refeições localizam-se na extremidade e podem ser separadas por um grande painel de madeira, tornando o espaço mais aconchegante, conforme o programa oficial, ou unir-se, num amplo salão, para as festas de Páscoa e Natal, conforme solicitava a Instituição.

Aproveitar o edifício antigo obrigou a respeitar cotas de nível coerentes com as alturas das janelas existentes, tanto no edifício antigo remodelado, como no novo. Também optámos por respeitar a altura máxima do edifício antigo. Estas duas decisões implicaram em dificuldades acrescidas para passar, no primeiro piso, toda a infraestrutura necessária, sobre o teto falso.

⁸ Em visitas realizadas, já com o edifício em uso, verificamos que as luzes do corredor estavam sempre desligadas (economia importante em tempos de crise) e o ambiente agradavelmente iluminado (fig.19).

⁹ Por uma série de razões, os arranjos exteriores tiveram outro destino.

Quanto a imagem arquitetural, procurou-se atingir dois objetivos, primeiro criar um objeto que, apesar de ser uma soma de partes, funcionasse visualmente como “coisa uma”; em segundo lugar, integrar a grande dimensão do corpo novo, harmoniosamente no contexto físico. Isto significava, mais do que conjugar com os outros edifícios, conjugar com a densa mata existente.

Assim, o idéia de “edifício invisível” transformou-se em edifício camuflado, e o corpo novo recebeu, nos andares superiores do alçado Sul, um brise de madeira, uma segunda pele, que o integrava à vegetação.¹⁰

Figura 15 – “O Poverello”, 2008-2011, piso 02.



Fonte: tsi3d (Jan.2009)

A figura 15 mostra a idéia da forma: um grande bloco retangular (pisos 1 e 2) “flutua” e não “toca” o térreo, influência assumida da chamada “Escola Paulista”¹¹. Isto permite um grande rasgo horizontal sobre o bloco

¹⁰ Por uma série de razões que escapam ao controle do arquiteto, o brise acabou por ser eliminado durante a obra. Como o edifício foi revestido com o sistema “capotto”, a alternativa foi escolher uma cor, num leque bastante reduzido, a fim de marcar a fachada, respeitando a intenção inicial.

¹¹ Referimo-nos à arquitetos como Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Abrão Sanovicz, João Walter Toscano, entre outros; e a edifícios como o MUBE (Museu Brasileiro da Escultura) ou a loja FORMA, ambos em São Paulo.

branco no térreo (à frente do bloco grande) que ilumina os corredores internos do piso 1 (fig. 19). Fator importante, pois este piso está enterrado em sua face posterior.

O bloco branco referido corresponde aos quartos dos cuidados paliativos. Suas janelas vão buscar as dimensões exatas das janelas do edifício antigo, transformando-se num prolongamento deste. Ideia análoga ao procedimento realizado por Rafael Moneo na definição dos arcos “romanos” do Museu de Mérida na Espanha. Da mesma forma, o pequeno volume, também novo, à frente do edifício antigo, utiliza a mesma linguagem das grandes varandas (salas de convívio e de refeições) do corpo novo. Assim, conseguimos a tal unidade visual desejada ao conjunto.

Há ainda muitos pontos que poderíamos referenciar como, por exemplo, todo o acesso ao conjunto que acabou por ser um segundo projeto e, outros, que só evidenciam a quantidade, complexidade e diversidade dos problemas que envolvem a arquitetura.

Felizmente, para solucionar todos estes problemas, temos ajuda.

Figura 16 – “O Poverello”, 2008-2011, alçado frontal.



Fonte: arq. Joana Hörster (Mai. 2013)

Gostaríamos então de finalizar esta primeira parte, destacando uma característica essencial do processo de projeto: à medida que o trabalho avança, o projeto deixa de ser algo individual, seu, pensado na intimidade e transforma-se em coisa coletiva: vêm os colaboradores, os calculistas, os outros engenheiros, vem o mestre, vem o pedreiro, carpinteiro, vidraceiro... por fim, os funcionários, os pacientes, o médico e o enfermeiro.

Sabíamos, por exemplo, que seria difícil executar o grande balanço que cobre a doca, queríamos manter esta relação entre os volumes, a leveza que esta configurava. A resposta veio do engenheiro de estruturas: apoiar o volume em pequenos perfis metálicos *“como o Siza fez em Santiago de Compostela”*¹².

¹² Refereria-se ao Centro Galego de Arte Contemporânea em Santiago de Compostela (1988-1993), projetado pelo arquiteto Álvaro Siza.

Cabe ao arquiteto decidir quais sugestões servem e quais não se alinham ao espírito inicial. Mas, a partir deste momento, estava claro, o projeto tinha atingido o seu fim: era de todos e de cada um.

Figuras 17 e 18 – “O Poverello”, 2008-2011, alçados.



Fonte: arq. Joana Hörster (Mai. 2013)

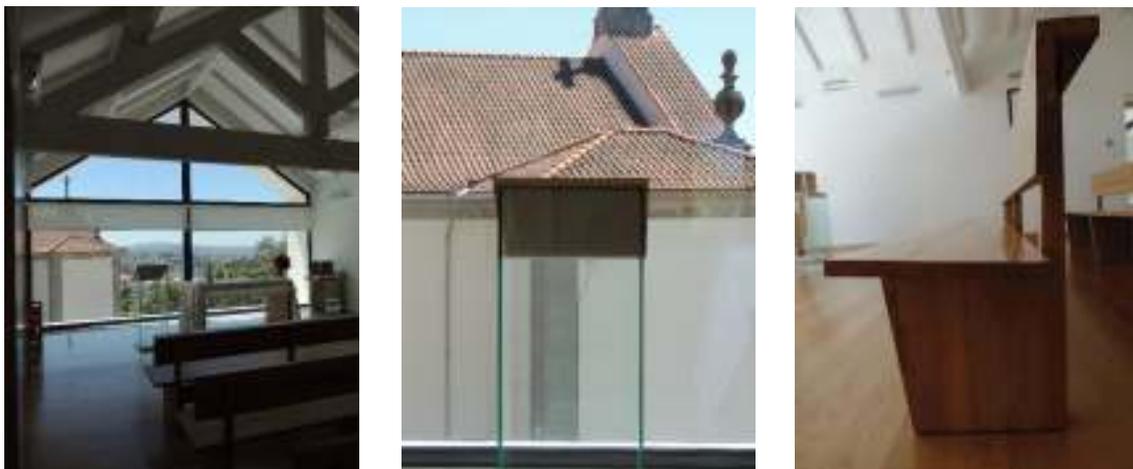
Figura 19 – “O Poverello”, 2008-2011, corredor com luz zenital.

Figura 20 – “O Poverello”, 2008-2011, entrada do túnel.



Fonte: autor (Mai. 2013)

Figuras 21, 22 e 23 – “O Poverello”, 2008-2011, capela.



Fonte: autor (Mai. 2013)

2. Ampliação da sede de um escritório de advocacia

Este projeto, iniciado no ano de 2012, destina-se à ampliação do edifício onde funciona uma destacada empresa de advogados na cidade do Porto.

O caráter claro do *problema*, quer pelo programa simples, quer pela diminuta área a ser construída¹³ (50 m²), tornam este trabalho, a nosso ver, num exemplo muito ilustrativo da importância do contexto na concepção do projeto e da capacidade da arquitetura (ou do projeto de arquitetura) de resolver determinados tipos de problemas, concretos e interdependentes.

O Sítio

Este edifício, uma antiga casa geminada, localiza-se numa movimentada avenida da cidade do Porto, outrora residencial, agora consolidando o seu caráter de serviços.

¹³ Isto não significa que projetos menores são os mais fáceis. De fato, é relativamente consensual entre os arquitetos que é justamente ao contrário. Diz Siza: “Oíço dizer (...) que sou um arquitecto de pequenas obras (como experimentei as outras, penso: oxalá que não; são as mais difíceis).” In SIZA, A. “Oito pontos quase ao acaso”. In LEONI, G. [tradução: Hitzschky, G.] Álvaro Siza. Coleção Folha Grandes Arquitetos, v. 15. São Paulo: Folha de São Paulo, 2011, p. 77.

Figuras 24 e 25 – Advogados, 2012-, situação existente.



Fonte: Google Maps (Jun. 2012)

Quanto à sua configuração, o edifício existente é retangular, com dois andares e, justaposto ao seu alçado posterior, um corpo menor (fig. 26), com térreo e um pequeno porão, semi-enterrado. Possui ainda, no fundo do terreno, uma garagem e um pequeno depósito (fig. 27).

Figuras 26 e 27 – Advogados, 2012-, área de intervenção.



Fonte: arq. Joana Hörster (Jun. 2012)

O primeiro coeficiente da equação arquitetônica é o diagnóstico do contexto físico, isto é, o entendimento objetivo e subjetivo do lugar: o que é e,

principalmente, o que pode vir a ser. Diz Siza: “a criação arquitetônica nasce de uma emoção, a emoção provocada por um momento e um lugar”.¹⁴

Neste exemplo, é explícita, como característica marcante, a exiguidade do espaço e, portanto, condição essencial do problema que marcará indelevelmente a busca da solução.

Um segundo ponto evidente, era a necessidade do novo edifício dialogar com o existente, de forma que cada parte interagisse e valorizasse a outra. Ora, o edifício existente possuía uma geometria de leitura clara e era, essencialmente, uma obra acabada (fig. 26), não “pedia” um acréscimo. Proposição que nos sugeria que o edifício novo deveria ser, de fato, um novo elemento, independente naquele contexto, que dialogasse por contraste, nunca com conflito.

Mas, neste momento, já estamos no campo da solução, o que comprova a importância da boa estruturação dos problemas para o esboço da resposta.

O Programa

Desde o início ficou estipulado a demolição do depósito, a transformação da garagem em zona de arquivo e a sua ligação à casa.

A solicitação inicial abrangia ainda numa intervenção maior: alterações no edifício existente e um acréscimo que correspondia ao dobro do projeto final aqui apresentado, o que demonstra uma situação frequente na nossa prática profissional, a adaptação dos anseios iniciais, desejavelmente ambiciosos, à força da realidade com a qual devemos trabalhar.

Reconhecer rapidamente a realidade, aceitá-la e saber tirar partido dela é uma das chaves para um projeto bem-sucedido. Reconhecer a realidade é, extrapolando a célebre frase de Louis Kahn¹⁵, saber o que o edifício quer

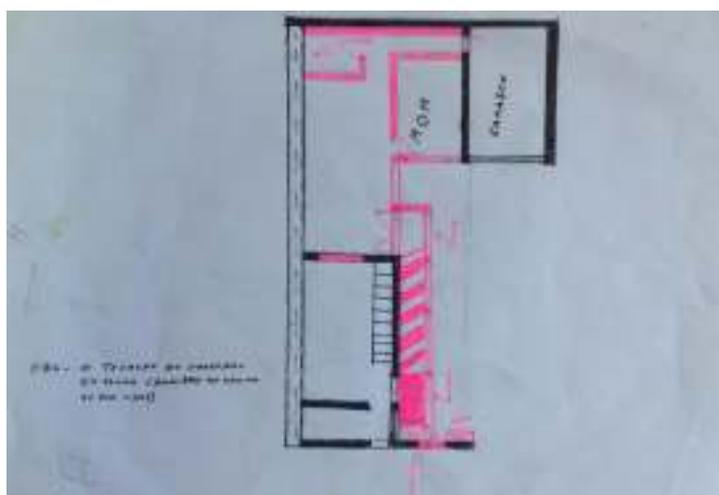
¹⁴ Álvaro Siza citado por Manuel Mendes em “Fernando Távora, `O meu caso`.”, em Bandeirinha, J.A., Fernando Távora – Modernidade Permanente. Matosinhos: Associação Casa da Arquitectura, 2012. (Originalmente em Álvaro Siza, em Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 24, 1988, p.175-177.)

¹⁵ A frase original de Louis Kahn é “*Even a brick wants to be something*”, proferida em 1971, na aula magna realizada na Universidade da Pensilvânia, EUA.

ser, não o que nós (arquitetos) gostaríamos que ele fosse. Reconhecer a realidade é, como diria Paulo Mendes da Rocha, fazer com que a arquitetura seja oportuna. Reconhecer a realidade é, uma vez mais, criar um projeto adequado ao lugar e a circunstância.

Uma segunda solicitação nos chegou através de um desenho, mais especificamente, uma planta (fig. 28), o que, num primeiro momento, nos causou alguma perplexidade, tendo em vista fugir completamente da nossa rotina de trabalho. Até aqui, éramos nós que fornecíamos os desenhos, nunca o contrário. Esta inversão de papéis nos colocava, num momento inicial, perante um dilema: o que nos caberia fazer então?

Figura 28 – Advogados, 2012-, situação existente.



Fonte: cliente (Jan. 2013)

Passada esta primeira hesitação, ficou claro (como nunca deveria ter deixado de ser para um arquiteto) a utilidade e a eficiência do desenho como código de comunicação: estava tudo lá.

Começando pelo programa: duas salas, uma pequena copa, um banheiro, uma saída para o exterior, o desejo de ligar a casa principal à garagem-arquivo e a determinação de se construir apenas um piso. Em segundo lugar, ficava delimitada exatamente a área do terreno que deveria ser ocupada. Por último, intuía-se uma certa aspiração estética, expressa no pano

de vidro que limitava o corredor e constituía a fachada mais visível do anexo, que sugeria transparência, contemporaneidade e contraposição ao edifício existente, mais hermético.

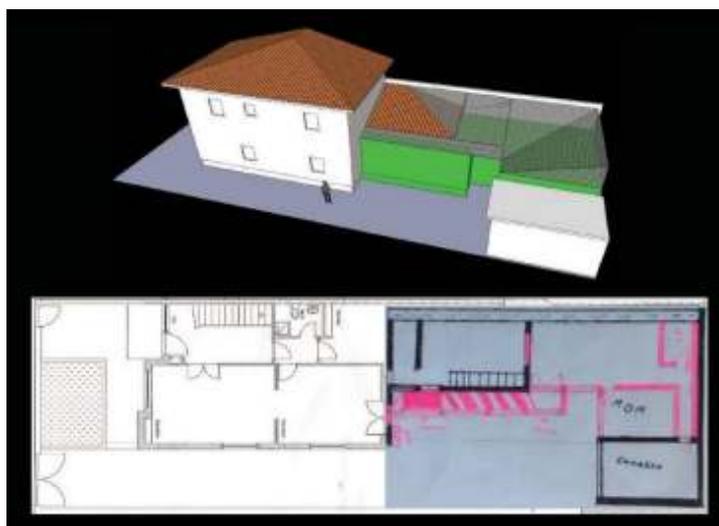
Conforme referido, neste gênero de projeto o programa complementa-se pela compreensão adequada dos desejos do cliente. Talvez, a parte principal do processo: pensamos edifícios para pessoas reais. Este entendimento passa por três momentos, o que ele deseja e pede, o que ele deseja e não pede e o que ele ignora que precisa. Estão contidos nestes dois últimos momentos a possibilidade de superar suas expectativas.

O Programa Oculto

Portanto, mais do que o que ele solicita, parte evidente do programa, há de ter atenção aos desejos que transparecem nas entrelinhas. Estes, não entram em forma de discurso direto, muitas vezes pelo natural desconhecimento do cliente sobre a possibilidade (construtiva, financeira ou espacial) de se concretizar aquele desejo. Em outras palavras, muitas vezes o cliente ignora a real *utilidade da arquitetura*.

Podemos ilustrar isso, com as seguintes situações relativas ao desenho fornecido pelo cliente, que ajudaram a formular a “pergunta” final.

Figura 29 – Advogados, 2012-, volumetria da proposta do cliente.



Fonte: autor (Jan.2012)

Nesta hipótese (fig.29), considera-se o fechamento total dos vãos posteriores do edifício existente e o deslocamento do equipamento de gás. Ora, a condição *sine qua non* de qualquer empreendimento, seja de que natureza for, é gastar o mínimo de energia necessária para o melhor resultado possível. Neste caso específico, intuímos ser possível uma menor intervenção.

Além disso, o cliente manifestou duas preocupações e um anseio. As preocupações, a falta de ventilação no porão devido ao encerramento da janela existente e o possível incômodo ao vizinho de trás, devido a construção de um corpo novo junto a parede dos fundos. O anseio, que a obra fosse rápida para não atrapalhar a rotina diária do escritório, mais do que o necessário.

Preocupações formuladas quase ao acaso, como um pensamento evanescente. Anseio, expresso não como um pedido, mas como um desabafo resignado com a morosidade inexorável de uma obra. Em qualquer dos casos, enfrentados por nós, como solicitações diretas, portanto, parte do *problema*.

O Projeto

De fato, com a equação arquitetônica montada, a solução passou quase pela resolução de cada uma de suas partes.

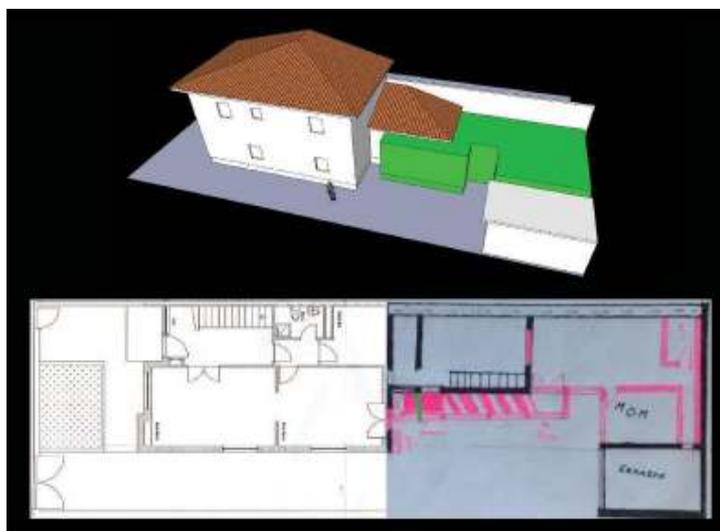
A estratégia adotada foi trabalhar a partir do desenho proposto. A partir desta, geramos o volume definido pelo seu contorno. Assumimos, desde o início, a linha que marca o embasamento em pedra do edifício existente como um elemento a manter no edifício novo, ou seja, um elemento de ligação visual entre as duas construções (fig. 29).

Imaginamos uma possível cobertura sugerida por aquele volume que enfrentasse, da melhor forma, a indispensável recolha das águas pluviais (fig. 29). Esta proposta, a mais coerente dentro desta configuração, implicaria em alterações na cobertura existente e um maior custo na intervenção.

Além de serem alterações, a nosso ver, desnecessárias, esta solução ocuparia todo o espaço, “sufocando” completamente o lote, num processo contrário as necessidades de um espaço exíguo.

Esta proposição conduziu-nos a ideia de que o novo edifício deveria ter apenas o contato estritamente necessário com o existente. Desta forma, iniciamos um processo de “arejamento”. Primeiro, libertamos os vãos posteriores (fig. 30), mantendo, assim, o caráter do edifício existente, sua salubridade interior e evitando custos desnecessários. Porém, perdemos a área da copa.

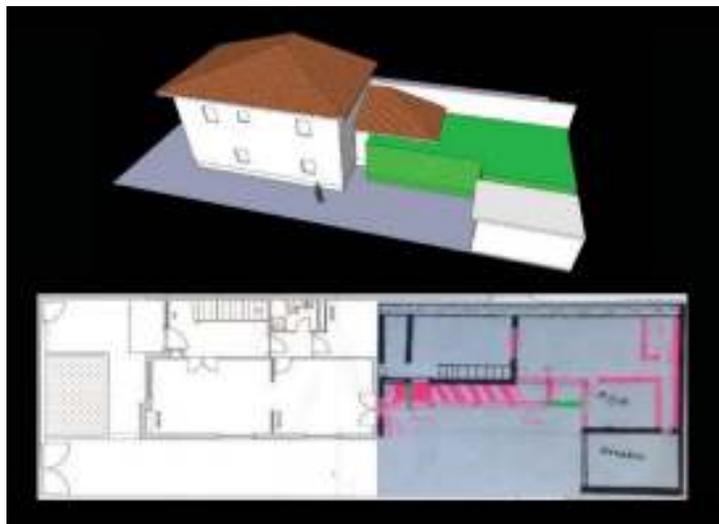
Figura 30 – Advogados, 2012-, desenvolvimento do projeto.



Fonte: autor (Jan.2012)

Retificamos o volume, suprimindo a reentrância no alçado principal, por intuirmos desnecessária e esteticamente desequilibrada (fig. 31). Porém ficamos sem iluminação natural na sala maior.

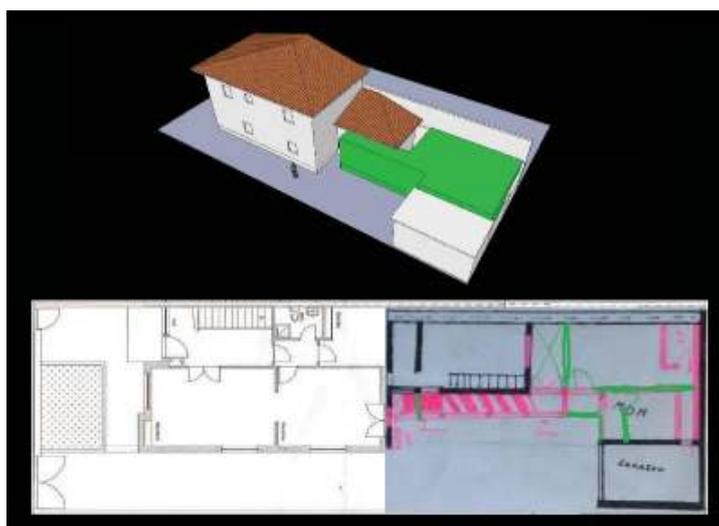
Figura 31 – Advogados, 2012-, desenvolvimento do projeto.



Fonte: autor (Jan.2012)

A nova configuração sugeriu-nos desenhar a menor circulação possível (fig. 32). Assim, criamos, concomitantemente, mais privacidade para a sala maior e um acesso direto ao arquivo e a sala menor. Porém, eliminamos a entrada de luz natural da sala menor. Seguindo, ainda, o processo de “arejamento” ou, dito de outra forma, a diretriz do “mínimo contato”, criamos um pequeno pátio separando o existente do novo.

Figura 32 – Advogados, 2012-, desenvolvimento do projeto.



Fonte: autor (Jan.2012)

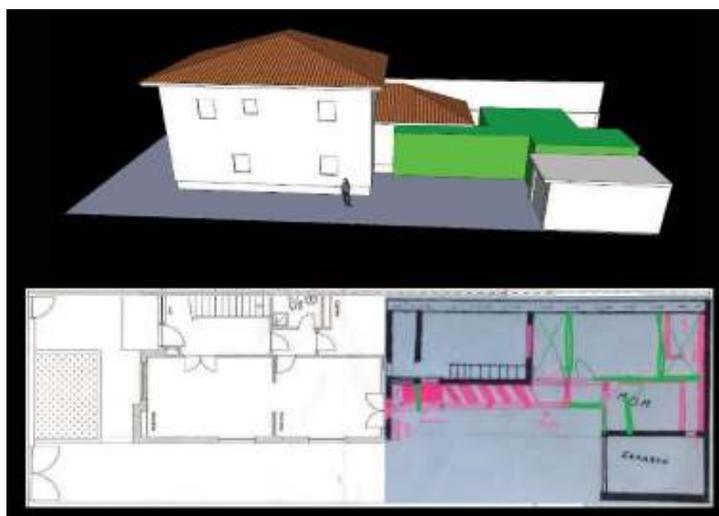
Este gesto único permitiu manter inalterados, a cobertura do corpo menor, seu alçado posterior e o equipamento de gás, reduzindo custos e indo de encontro a uma das preocupações do cliente: a ventilação natural no porão.

Desenhamos, então, um pátio do outro lado da sala menor (fig. 33). Desta forma, criamos sua necessária janela; ratificamos a privacidade da sala maior (já não preciso adentrar a esta sala para acessar o banheiro) e melhoramos a sua qualidade espacial com mais uma janela: amplia-se o espaço visual e permite-se a entrada de luz também a nascente. Com este pátio resolvemos também outra preocupação do cliente: suprimimos a construção junto ao vizinho do fundo.

Note-se que, neste processo, apesar de termos diminuído a área física da sala maior; na prática, pelo ganho de qualidade espacial (privacidade, luz natural, visuais exteriores), podemos afirmar que aumentamos a área efetiva de trabalho. Isto é, aumentamos a eficiência da sala em cumprir sua função. Fenômeno apenas viável pela arquitetura e sua utilidade. Porém, perdemos o banheiro.

Estabelecidos os dois pátios, o objetivo de não sufocar/congestionar mais o espaço estava parcialmente alcançado, para atingi-lo em pleno, optamos por fazer o edifício novo “levitar”. Assim, eliminamos sua base, criando apoios pontuais e, tanto quanto possível, ocultos. Mantivemos o alinhamento pré-definido entre as “bases” do existente e do novo como elemento de ligação visual, contrapondo assim, pedra e ar (fig. 33).

Figura 33 – Advogados, 2012-, desenvolvimento do projeto.



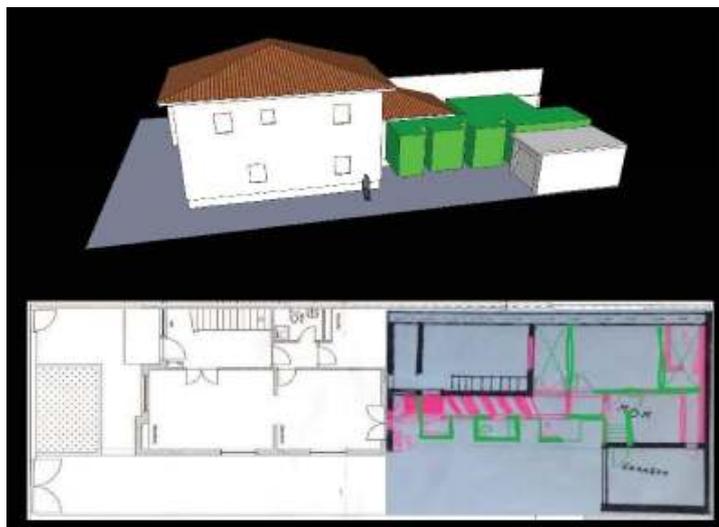
Fonte: autor (Jan.2012)

Neste momento era preciso recuperar os elementos sacrificados: a copa e o banheiro. Assim criamos três pequenos volumes junto ao corredor, o terceiro para estabelecer um acesso exterior condigno (fig. 34).

Estes três elementos, a exemplo de outros gestos arquitetônicos já demonstrados antes, resolveram, concomitantemente, três ou quatro problemas de diferentes ordens, o que evidencia o caráter de *síntese* da arquitetura. Primeiro, o atendimento do programa, conforme já referido. Segundo, uma maior proteção do corredor, quer da insolação Sul, quer dos olhares vizinhos. Terceiro, a valorização e otimização desta circulação que torna-se, assim, em um pequeno corredor de serviços. Por último, ao eliminar o pano de vidro total desta circulação, aumentamos, a partir do interior, a percepção de conforto, quer pela relação mais equilibrada, diríamos, proporcionada, entre as janelas (mais contidas que o grande pano de vidro) e a reduzida largura da circulação; quer pela sensação de proteção que um ambiente mais fechado proporciona; a partir do exterior, demos ritmo e atualidade ao objeto arquitetônico.

Definido o volume, a circulação e os ambientes, faltava o sistema construtivo e a tectônica, elementos intimamente ligados.

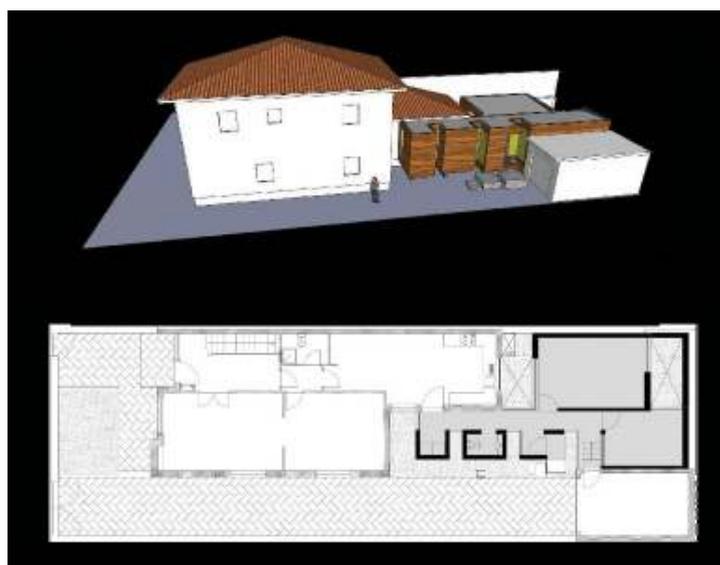
Figura 34 – Advogados, 2012-, desenvolvimento do projeto.



Fonte: autor (Jan.2012)

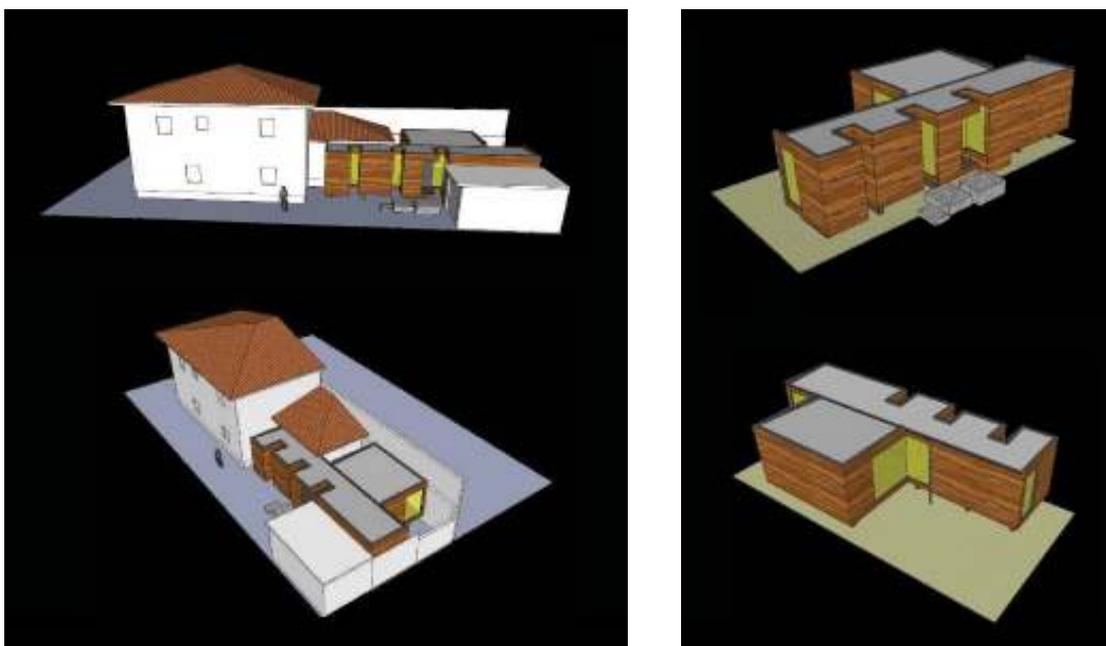
De forma a tentar reduzir o tempo de obra (e o incômodo à rotina do escritório), sugerimos uma “construção seca”, mais de montar do que “construir”, transferindo parte da execução da obra para a fábrica. Optou-se, assim, pela utilização de Light Steel Framing (estrutura em aço leve), divisórias em painéis de gesso cartonado e revestimento em cortiça (figs. 35, 36 e 37)

Figura 35 – Advogados, 2012-, desenvolvimento do projeto.



Fonte: autor (Jan.2012)

Figuras 36 e 37 – Advogados, 2012-, modelo final.



Fonte: autor (Jan.2012)

A cortiça resolve o obrigatório isolamento térmico e, ao mesmo tempo, é o revestimento final do edifício, dispensando mais acabamentos e contribuindo também para uma maior velocidade da execução.

A ideia de “lugar” em arquitetura vai além do contexto físico, abrange a cultura, a política e o quadro histórico. Este projeto foi iniciado em um dos pontos mais altos da crise econômica de 2008, período de pessimismo e necessidade de reafirmação da autoestima nacional. Naquele momento, o governo havia lançado uma campanha apelando as pessoas para que preferissem, na hora da compra, o produto nacional. Campanha sem conotações nacionalistas, apenas mais uma forma de superar a crise. Também, neste sentido, foi a opção pela cortiça¹⁶, mais que um pequeno contributo, um gesto simbólico de compreensão (e participação) daquele contexto.

¹⁶ Portugal é o maior produtor mundial de cortiça.

REFERÊNCIAS

MENDES, M. Fernando Távora: o meu caso. In: BANDEIRINHA, J. A. **Fernando Távora – Modernidade permanente**. Matosinhos: Associação Casa da Arquitectura, 2012. Catálogo publicado no âmbito da Guimarães 2012, Capital Européia da Cultura.

MONEO, R. Museo Nacional de Arte Romano, Mérida. In: MONEO, R. **Apuntes sobre 21 obras**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

MOURA, E.S. **Eduardo Souto de Moura - obra reciente**. Valência: General de Ediciones de Arquitectura, 2004. (TC Coleção Cuadernos de Arquitectura, 64)

ROCHA, P.M. **Maquetes de papel**. São Paulo: CosacNaify, 2007, p.34

SIZA, A. Oito pontos quase ao acaso. In: LEONI, G. **Alvaro Siza**. Tradução: Hitzschky, G. São Paulo: Folha de São Paulo, 2011, p. 77. (Coleção Folha - Grandes Arquitetos, 15)

TÁVORA, Fernando. **Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo. A lição das constantes**. Porto: FAUP Publicações, 1993.

ZEIN, R.V. **A arquitetura da escola paulista brutalista 1953-1973**. 2005. 358f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.